

Editorial

A Diversidade em foco



No ano de 2015, estudo da McKinsey envolvendo países como: Brasil, Reino Unido e Estados Unidos, relacionou as políticas de diversidade e de desempenho financeiro adotadas pelas corporações. O estudo teve conclusões interessantes e reveladoras. Uma destas conclusões destacou que as empresas com políticas de diversidade estabelecidas têm performance financeira 30% maior do que aquelas que não as possuem. Entre os motivos para essa diferença estava a qualidade das tomadas de decisões, aprimorada pela diversidade (ou a interação convergente de pessoas de origens e visões de mundo distintas). Outros fatores apontados, pelo estudo, destacam a produtividade e qualidade do convívio social, a coexistência da diversidade e da inclusão social, que tornam as pessoas felizes e mais produtivas. Observa-se que os grupos minoritários ou minorias alcançam o empoderamento social e econômico, conquistando anteparos legais contra o assédio moral e direitos extrapatrimoniais violados. Neste contexto, as bibliotecas tornam-se espaços de apoio e respeito a diversidade, como política de reconhecimento das minorias à liberdade de expressão e de acesso a informação. Desta forma, o CRB-8 criou a Comissão da Diversidade que promoveu o Seminário “A presença Negra em Bibliotecas e na Educação”, evento que instigou os participantes para um olhar sensível e crítico sobre a presença negra em bibliotecas e na educação brasileira. A literatura negra ainda é invisível nas bibliotecas; bem como bibliotecários e bibliotecárias devem disseminar informações de valorização da diversidade, em especial da diversidade racial e dos caminhos de superação dos preconceitos. Bibliotecas são ambientes igualitários de acesso e de uso da informação. Nesse sentido, bibliotecas e bibliotecários, por meio de seus serviços e produtos, podem contribuir para o desenvolvimento de uma cultura inclusiva e, desta forma, inserir no âmbito das suas instituições a promoção da diversidade.

Sumário

1

Editorial: A Diversidade em foco
Regina Céli de Sousa

2

Sumário e Maria Carolina de Jesus (Poemas)

3

Sobre a Comissão da Diversidade
João de Pontes Junior

4

Projeto AEL - Academia Estudantil de Letras
Samir Ahmad dos Santos Mustapha

5

Percepções, olhares e reflexões levantadas durante
o Seminário
Graziela dos Santos Lima

8

A presença negra em bibliotecas e na educação
Patrícia Anunciada

9

Quantas autoras negras Você já leu?
Juliane Sousa e Carine Souza

11

Contaçõ de histórias africanas
Dorô Dias

12

Galeria de fotos do Seminário

13

Composição da 18ª Gestão, Colaboradores e
Créditos

Poeta, em que medita?
Por que vives triste assim?
É que eu a acho bonita
E você não gosta de mim.
Poeta, tua alma é nobre
És triste, o que o desgosta?
Amo-a. Mas sou tão pobre
E dos pobres ninguém gosta.

Poeta, fita o espaço
E deixa de meditar.
É que... eu quero um abraço
E você persiste em negar.
Poeta, está triste eu vejo
Por que cisma tanto assim?
Queria apenas um beijo
Não deu, não gosta de mim.
Poeta!
Não queixas suas aflições
Aos que vivem em ricas vivendas
Não lhe darão atenções
Sofrimentos, para eles, são lendas.

Carolina Maria de Jesus

Em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. **É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos.**

Carolina Maria de Jesus



Sobre a Comissão da Diversidade



No dia 18 de novembro de 2019, foi realizado, em parceria com a Faculdade Zumbi dos Palmares, o primeiro evento da Comissão da Diversidade do CRB-8, a Comissão tem o compromisso de trazer à tona e lançar desafios em torno de temas que a sociedade não gosta de abordar, mas nós, como instituição formadora de opinião, vimos e sentimos essa necessidade, portanto, trouxemos especialistas das áreas que percorrem a Biblioteconomia e o fazer biblioteconômico para debater o assunto.

A Diversidade, representada aqui pelos negros, LGBTQI+, deficientes, encarcerados, indígenas, entre outros grupos, necessita de voz, necessita que organizações e instituições abracem essa causa, que também é de todos nós. Com isso o CRB-8, por meio de sua Comissão da Diversidade, realizou o evento e podemos dizer, com muito orgulho, que foi o primeiro de muitos. As discussões, com certeza, quebraram barreiras do preconceito e representaram o início de discussões que irão além de grupos segregados, a academia, associações etc., a ideia é o tema saltar extramuros, fazendo com que novos eventos venham a fomentar novos questionamentos.

O evento contou com a presença incrível dos alunos da **Academia Estudantil de Letras**, que trouxeram poesia e uma fala dura, porém, necessária aos participantes do evento “Carolinas” é fruto de leituras, pesquisas e apropriação da obra de escritores negros e da temática social do negro na sociedade. Os palestrantes: **Graziela**, aluna de pós-graduação em Ciência da Informação na UNESP/Marília, vem realizando suas pesquisas em torno da temática, fazendo parte inclusive da obra: *Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política*, juntamente com Franciéle Carneiro Garcês da Silva, que foi lançada em 2018. Graziela e Franciéle também participaram da obra *Epistemologias Negras: relações raciais na Biblioteconomia*, juntamente com Danielle Barroso, Elisângela Gomes e Erinaldo Dias Valério, lançada em 2019.

A palestrante **Patrícia** formada em Letras pela PUC-SP, pós-graduada em literatura pela UNICAMP e mestranda em literatura pela UNIFESP, trouxe discussões relacionadas a sua área de pesquisa: *Poéticas de Escritoras Negras*. A pesquisadora possui um canal no Youtube chamado **Letras Pretas**, voltado para a divulgação de obras literárias. Trouxeram também contribuições: **Juliane**, formada em Letras pela Unifesp, produtora cultural, ambientalista, jornalista, apresentadora de rádio e televisão, roteirista e poeta também publicou “Os Médicos Cubanos e o Racismo no Brasil” (artigo que faz parte do livro “Mais amor, seu doutor! Os médicos cubanos entre nós) e **Carine**, graduanda em Letras, técnica em Biblioteconomia, produtora cultural e uma das Idealizadoras e do Sarau Poetas Pretas (manifestação artística que resultou numa promessa de inclusão de obras autoras negras no curso superior de Letras de uma instituição privada, em 2015). As palestrantes falaram sobre a reunião e união de pensamentos iguais em torno de uma única causa, o racismo, assim nascendo o Coletivo Mulheres Negras na Biblioteca, onde a literatura negra entra nas estantes, com muita força, levando seus leitores a reflexão: Você já leu uma escritora negra hoje? Para encerrar com chave de ouro a Bibliotecária **Dorô Dias** nos presenteia com cumprimentos Zulus e muita história africana. Se fôssemos resumir a tarde, podemos dizer que os nossos propósitos foram alcançados. Palestrantes e assistentes concluem o evento com perguntas e respostas, com vontade de quero mais.

Projeto AEL - Academia Estudantil de Letras



Criado em 2005 pela professora de Língua Portuguesa, Sueli Gonçalves, a AEL começou na EMEF Padre Antonio Vieira, na Zona Leste de São Paulo, e foi se expandindo ao longo dos anos na região. A partir de 2015, a experiência foi oficializada com a Portaria 5.296/15 que promoveu a Academia Estudantil de Letras como um programa da rede municipal, que começara então a se expandir pela cidade. À época, existiam 32 escolas participando do projeto, a partir de então este teve o aparato da Secretaria Municipal de Educação e, com a expansão, alcançou atualmente 140 unidades educacionais.

A Academia Estudantil de Letras - AEL é uma autêntica Academia de Letras com as devidas adaptações para o público estudantil que integra práticas e culturas escolares, promotoras do desenvolvimento integral dos estudantes, da equidade e da educação inclusiva. A iniciativa é desenvolvida nas Unidades Escolares da Rede Municipal de Ensino interessadas em implantar o Projeto “Academia Estudantil de Letras – AEL”, abrangendo EMEFs, EMEFMs, EMEBSs e CIEJAs.

Dentro da dinâmica do projeto, são os próprios acadêmicos que escolhem um autor da literatura para representar na Academia. Na AEL, os estudantes fazem pesquisas e realizam seminários sobre os seus “amigos” literários, compartilham o conhecimento, passam a perceber o ponto de vista do outro e desenvolvem a autonomia.

Os encontros literários buscam privilegiar os aspectos lúdicos presentes na leitura. As atividades de teatro, também desenvolvidas no projeto, procuram trazer outras formas de expressão para os gêneros literários trabalhados, permitindo que os estudantes expressem a literatura de forma adaptada pelas artes visuais, dança, música e artes cênicas. Os encontros literários e de teatro acontecem fora do horário regular das aulas, pois é optativo participar do projeto. Todas as ações se desenvolvem dentro de uma perspectiva que defende a expansão qualificada do tempo de permanência na escola, considerando as características, o contexto e o significado dessas ações para a vida dos estudantes. Os educandos que participam da AEL, em sua maioria, permanecem no projeto até a conclusão dos seus cursos.

O projeto tem atingido grande impacto social a partir do momento que foi expandido, de uma iniciativa regional, para um programa em toda a rede municipal de ensino. Atualmente, são 165 escolas a realizar o projeto, tendo uma unidade na sua realização. Fruto de formações continuadas, acompanhamento técnico e descentralização da coordenação do projeto em ação contínua da Secretaria Municipal de Educação e Diretoria Regional de Educação, o trabalho pode ser divulgado e replicado em diferentes espaços, como bibliotecas ou ações comunitárias.

Samir Ahmad dos Santos Mustapha - *Professor de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo desde 2010. Formado em Pedagogia pelo Mackenzie. Mestre pelo programa Educação: História, Política, Sociedade na Pontifícia Universidade Católica - SP (2014). Doutor pelo programa Educação: História, Política, Sociedade na Pontifícia Universidade Católica-SP (2019).*

Percepções, olhares e reflexões levantadas durante o Seminário, por Graziela dos Santos Lima



No dia 18 de novembro de 2019, o Conselho Regional de Biblioteconomia - CRB 8, em meio aos eventos da Consciência Negra, em referência à morte de Zumbi dos Palmares, realizou o Seminário a Presença da Literatura Negra em Bibliotecas e na Educação, na Faculdade Zumbi dos Palmares. É importante destacar que o Conselho Regional de Biblioteconomia tenta construir pautas em torno de conhecimentos necessários para a população em si e a população que agrega o meio acadêmico e profissional na área da biblioteconomia. Uma das pautas é a literatura negra na biblioteconomia e na educação, o que evidencia a implementação da Lei Federal 10.639/03, que configura na obrigatoriedade da História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas redes públicas e privadas de ensino; e essa inclusão engloba as bibliotecas, como ente material que faz circular a memória das populações de origem africana no seu desenvolvimento sociocultural e na interação intersubjetiva de construir conhecimentos.

Esse ano completamos 16 anos de promulgação da Lei Federal 10.639/03, e ainda evidenciamos em passos lentos sua implementação nas redes públicas e privadas de ensino e no ensino superior, que forma profissionais para atuarem como formadores na sociedade. Ou seja evidenciamos muitas resistências. Estas resistências a temática relacionada a História e Cultura Africana e Afro-brasileira, emolduram o que chamamos de um ensino colonizado, em uma colonialidade do saber (QUIJANO, 2010) e dentro das bibliotecas essas produções de conhecimentos são colocadas à margem.

Pautas relacionadas à história e à cultura negra devem ser discutidas e no evento Seminário a Presença da Literatura Negra em Bibliotecas e na Educação, não foi diferente. A abertura do evento, com a apresentação de crianças e adolescentes afrodescendentes, atuantes na academia estudantil de letras Mauricio de Souza da Escola Municipal de Ensino Fundamental Benedito Calixto mostrou a importância da literatura de Carolina Maria de Jesus do livro Quarto de Despejo, uma obra em forma de diário que relata a realidade e desigualdade social e racial de muitas pessoas que moram em áreas periféricas e favelas. Na apresentação, crianças e adolescentes interpretaram diversos trechos do livro sendo um deles “Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade”.

A pergunta nos faz refletir sobre o processo de apagamento de vozes no âmbito literário e acadêmico, não foi a toa que Conceição Evaristo não foi a mais votada para concorrer uma das 40 cadeiras na Academia Brasileira de Letras, tendo somente um voto, no ano de 2018 é a explicação mais rústica do que seria o racismo, uma ideologia que se manifesta sobre diferentes vieses e roupagem, de forma explícita ou camuflada, e que remete a não valorização

redigidos por pessoas negras ainda não são reconhecidas e muito menos lidos. Para Kilomba (2019) as produções de conhecimentos realizadas por pessoas negras foram colocados à margem por regimes dominantes que impõem o que é “verdadeiro” erudição. Esses regimes estão em sua maioria na academia que definem o que é válido utilizando-se de parâmetros universais para impor suas classificações, ou seja, ordenando o conhecimento de forma hierárquica e dicotômica.

Patrícia Anunciada, mestranda em literatura pela UNIFESP, informa a importância da literatura como instrumento de luta pela igualdade racial, em sua fala, nos mostra experiência que teve com seus alunos em um diálogo com a literatura negra. A literatura possibilita trabalhar com a imaginação, com o aprimoramento da linguagem, além de proporcionar conhecimento de fortalecimento da identidade do sujeito, relacionada a sua história, sua estética e sua cultura. Patrícia, relata que o processo educacional das crianças negras perpassa pela identidade e autoestima e nesse sentido a escola tem o papel primordial na luta por igualdade racial, mas que nem sempre é assim. Reafirmo que nem sempre é assim, corroborando com o pensamento de muitas pessoas negras que não se reconhece nos currículos escolares e acadêmicos, pois estes currículos se constituíram por um viés eurocêntricos. Não é diferente com os currículos de biblioteconomia. Em grande parte das universidades que possuem o curso, as grades curriculares não possuem temas relacionados a temática africana e afro-brasileira e assuntos correlatos. Um plano de ensino, se configura em uma organização de conhecimento, onde as bibliografias escolhidas servem de base para o que vai ser dito em sala de aula, e quando este não possuem bibliografias feitas por pessoas negras ou pessoas de outros pertencimentos étnicos que não seja europeia, se configura em um currículo excludente.

Em uma pesquisa recente de mestrado, Silva (2019) trata das representações sociais acerca das culturas africana e afro-Brasileira em Biblioteconomia no Brasil. A autora relata que no mapeamento das matrizes curriculares, ementas e bibliografias das disciplinas e projetos políticos pedagógicos dos cursos de Biblioteconomia das IES federais e estaduais, das 29 instituições federais e estaduais do curso de biblioteconomia foram analisadas 2.272 disciplinas e dessas disciplinas, 16 possuem o tema relacionada com as culturas africanas e afro-brasileiras nos currículos, que configura em 7 instituições. Esta pesquisa evidencia um apagamento/ocultamento referente a temática supracitada nos currículos de biblioteconomia no Brasil onde mais de 50% da população se autodeclara negra.

É nas disciplinas cursadas que surgem ideias para construir novos conhecimentos e sem a abordagem de temas que discorrem sobre a diversidade de culturas e etnias, sexualidade e gênero, passamos a produzir e a propagar um conhecimento colonizado e enaltecendo somente uma cultura, aquela que sub-representa as demais. Em torno disso, eis que entra a minha fala sobre Reflexões sobre colonialismo, racismo e produção do conhecimento no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação, que possibilitou pensar/refletir a descolonização do campo da Biblioteconomia e Ciência da informação, as quais tem-se utilizados de teorias e metodologias de ensino para aplicação, na prática de organização de fontes informacionais, instrumentos que moldam e representam outras culturas, que não seja a euro/ocidental e norte-americana, em sub-representação, tornando o acervo dentro de bibliotecas em um acervo que propaga a colonialidade do saber/poder. Como são instrumentos identificados como linguagens documentárias, este tende a perpetuar relações de poder e violência epistêmica, pois a linguagem é uma ferramenta dinâmica e cultural fundamental para humanidade e, nessa

Biblioteconomia e Ciência da Informação é baseada em uma epistemologia hegemônica é necessário identificar estas epistemologias que a assola a BCI a fim de descolonizar os dois campos para que estes deem abertura e reconhecimento de outras formas de linguagens para construção de conhecimentos e reconhecimento as outras culturas considerada marginalizadas.

O evento findou com uma contação de histórias: contos africanos, apresentado por Dorô Dias, que por meio de cantigas nos fez refletir sobre a inserção do negro/a na sociedade brasileira. O evento como um todo, na semana da consciência negra, proporcionou reflexões sobre importâncias de ter pessoas de outros pertencimentos étnicos que não seja, somente, a europeia, como produtoras de conhecimentos. Nessa perspectiva, o movimento intitulado Biblioteconomia Negra tem contribuído na inserção da temática africana e afro-brasileira e no protagonismo de bibliotecári@s negr@s mostrando um novo viés no ensino de biblioteconomia. Portanto, esse movimento configurou-se em livros Bibliotecári@s Negr@s no primeiro e segundo volume e indo para o terceiro volume organizado por Franciele Carneiro Garcês da Silva e Graziela dos Santos Lima.

Referências

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: Diário de uma favelada. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

QUIJANO, A.. Colonialidade do poder. Santos, B. de S.; Meneses, M. P. (Org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. **Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil**. 2019. 521 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2019.

Graziela dos Santos Lima – *Doutoranda em Ciência da Informação na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Marília*

A presença negra em bibliotecas e na educação



Ainda hoje em dia muitos espaços educativos não cumprem as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornam obrigatório o ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena. Isso porque há resistência por parte de muitos educadores e/ou até mesmo da gestão desses espaços, além de faltar uma formação adequada para trabalhar com essas temáticas e também haver desinteresse por parte de alguns setores.

Felizmente, na contramão desse cenário pode-se notar que tem aumentado o número de publicações com temáticas relativas à história e cultura africana, afro-brasileira e indígena, e algumas dessas publicações estão sendo adquiridas para fazer parte do acervo de muitas escolas públicas e privadas, o que é motivo de comemoração, pois os educadores, formadores de leitores e o alunado podem ter acesso a esse material com relativa facilidade.

A lei é importante por ir contra a cultura hegemônica, que é eurocentrada e embasa-se no ponto de vista de povos que se acreditam historicamente superiores a outros, ou seja, “civilizados”, enquanto que os povos latinos, indígenas e africanos, por exemplo, são vistos como inferiores, desprovidos de civilização até a chegada do homem branco, que é visto como aquele que lhes apresentou a religião e a escrita, pois tratava-se de povos considerados “aculturados”.

Grande parte do conteúdo dos livros didáticos que é trabalhado em sala de aula na disciplina de História, por exemplo, apresenta os povos europeus como aqueles que foram os grandes responsáveis pelo progresso da humanidade, enquanto os povos negros e indígenas são apresentados como subjugados, pois eram vistos como ociosos e desprovidos de intelecto.

A escola e a biblioteca são os principais espaços nos quais as crianças e jovens têm contato com narrativas que embasam sua visão de mundo, e muitas vezes tornam-se espaços de reprodução e manutenção de preconceitos e estereótipos. Por isso é extremamente importante valorizar um acervo que promova contranarrativas, apresentando a história dos povos negros e indígenas de forma digna, sua luta, sua resistência à dominação e ao sistema escravagista.

É importante destacar que a escolha do acervo de escolas e bibliotecas não é neutra. A escola não é neutra e nunca será, pois educar é um ato político, um ato que envolve a produção e não a mera reprodução de conhecimento e o questionamento do senso comum, fornecendo as bases para a elaboração do pensamento e o exercício da cidadania, que envolve o respeito a todas as pessoas.

Cumprir as leis 10.639 e 11.645 é dever de todos, pois toda a população tem o direito de conhecer a história e cultura dos povos negros e indígenas que construíram este país e que deixaram marcas em nossa forma de falar, de cantar, de nos vestir, de nos relacionar, enfim, que fundaram as bases do povo brasileiro.

Não trabalhar com a diversidade é dar lugar a visões conservadoras que resultam na marginalização de todos aqueles que não atendem a um padrão do que é considerado adequado na sociedade, abrindo espaço para o preconceito a partir de marcadores de diferença como gênero, raça, classe, pertencimento étnico e regional e orientação sexual.

Patrícia Anunciada – Formada em Letras pela PUC-SP, pós-graduada em literatura pela UNICAMP e mestranda em literatura pela UNIFESP.

Quantas autoras negras Você já leu?



Um questionamento que mobiliza e desperta a reflexão de quem tem contato com ele pela primeira vez. Trata-se de pensar sobre as nossas escolhas literárias ao longo de nossa trajetória como leitores/as de literatura. A pergunta incomoda e há quem se atreva a dizer que “Não escolhe um livro pela capa”. Um argumento que seria completamente aceitável se o Brasil não fosse um país racista, ou seja, se não invisibilizasse pessoas negras em todas as áreas do conhecimento por conta da cor de sua pele. País este que viola os direitos de existir humanamente de mais da metade da população brasileira.

Portanto, é fundamental que o/a leitor/a se pergunte por que nunca ou pouco teve acesso a obras escritas por autoras negras, ou por que ele/a mesmo nunca parou para pensar sobre suas escolhas literárias.

A pergunta chama a atenção porque de alguma forma expõe o problema racial estrutural no Brasil, neste caso, o racismo institucional, que impede que as obras dessas autoras estejam nos acervos das bibliotecas do país, por desconhecimento e desinteresse por parte dos/das profissionais da área e de todos os meios pelos quais são formados.

Contudo, em 2016, quatro estudantes -- não por acaso, negras -- do curso técnico de Biblioteconomia da ETEC Parque da Juventude em São Paulo, observaram que não havia obras de autoras negras dentro da biblioteca da escola. A partir disso, as alunas resolveram, então, promover uma ação para angariar livros de autoras negras por meio das redes sociais e, após receberem as doações, realizaram uma campanha de incentivo à leitura de obras de autoras negras, que passaram a ser as mais procuradas para empréstimo no acervo da escola.

Após essa experiência, veio a defesa do TCC: *A importância da inclusão de obras autoras negras nos acervos das bibliotecas públicas municipais de São Paulo*. Durante a pesquisa, as estudantes depararam-se com a escassez de obras de autoras negras em praticamente todas as bibliotecas públicas da cidade e com uma preocupante falta de consciência dos responsáveis a respeito desse fato. O grupo então passou a refletir sobre os problemas graves dessa realidade, como, por exemplo: entre outras consequências, a interferência negativa que isso faz no processo de construção da identidade de mulheres negras, uma vez que a maior parte das histórias contadas por autores cujas obras estão disponíveis nas bibliotecas retratam essas mulheres de forma estereotipada.

Nesse contexto, surge o projeto *Mulheres Negras na Biblioteca*, que, tendo a lista de novas aquisições como uma brecha, vem desenvolvendo ações culturais com intuito de aumentar o público leitor de obras de autoras negras e, com isso, sinalizar a demanda aos/às bibliotecário/as, ou seja, tornar notável a importância da inclusão dessas obras nos acervos das bibliotecas. O projeto, desde então, vem se destacando na capital paulista, como uma ação efetiva na formação de público leitor de obras de escritoras negras, desenvolvendo ações como: clubes de leitura, oficina de poesia para crianças com base em obras de literatura infantil de autoras negras, roda de conversa sobre a importância da leitura de obras de autoras negras, bate-papo com escritoras negras; contação de histórias, roda de poemas e palestras. Além do ambiente da biblioteca, essas atividades acontecem em espaços culturais, escolas e universidades, também em congressos e fóruns voltados para o público da biblioteconomia.

Seja como for, os objetivos do projeto estão para além de incluir livros de autoras negras nas estantes das bibliotecas. Batalhar por isso é, em primeiro lugar, uma causa que o grupo – hoje formado pela estudante de Letras e técnica em biblioteconomia, Carine Souza, e pela jornalista e graduada em Letras, Juliane Sousa – considera importante e urgente, sobretudo, porque boa

leitura, uma vez que livros, no Brasil, são objetos caros. Entretanto, a intenção do projeto também não é somente assegurar representatividade a leitoras negras, é também contribuir para o deslocamento de autoras negras das margens para o centro do universo literário, combatendo, assim, o racismo e o sexismo ainda tão presentes na nossa sociedade.

O MNB acredita, portanto, que ler autoras negras não cabe somente ao povo negro, trata-se de tarefa obrigatória a todos. Em suma, é por ter consciência de que a biblioteca é um espaço político de fundamental importância social, onde o saber está nos livros guardados em suas estantes, que o projeto reivindica mais acesso a saberes diversos, começando pela base da pirâmide social, por isso sua luta é, prioritariamente, por mais mulheres negras nas bibliotecas.

Juliane Sousa – Formada em Letras pela Universidade Federal de São Paulo, produtora cultural, ambientalista, jornalista, apresentadora de rádio e televisão, roteirista, poeta e uma das responsáveis pelo projeto Mulheres Negras na Biblioteca. Também publicou “Os médicos Cubanos e o Racismo no Brasil” (artigo que faz parte do livro “Mais amor, seu doutor! Os médicos cubanos entre nós”).

Carine Souza – Graduada em Letras, técnica em Biblioteconomia, produtora cultural e uma das Idealizadoras do projeto Mulheres Negras na Biblioteca e do Sarau Poetas Pretas (manifestação artística que resultou numa promessa de inclusão de obras autoras negras no curso superior de Letras de uma instituição privada, em 2015).

Contação de histórias Africanas



Ouvir boas histórias é sempre muito bom!

Vou além.

É também uma excelente ferramenta não só de entretenimento, mas de informação e perpetuação da história de uma maneira lúdica, mas não menos instrutiva.

E foi assim, como contadora de histórias, que na Semana da Consciência Negra - na Faculdade Zumbi dos Palmares no dia 18/11/19 - tive a honra e a alegria de participar com contos africanos retratando - entre outros - a vida e a trajetória do herói Zumbi.

Estiveram presentes outros convidados, palestrantes e um público bastante participativo com questões diversas onde pudemos trocar experiências, informações e nos certificar que encontros como este podem dirimir dúvidas e aproximar mais as pessoas diminuindo as barreiras impostas pela desinformação e preconceito.

Finalizo saudando a todos com um cumprimento Zulu e seu significado:

SAWABONA:

eu te reconheço, eu te valorizo, você é importante pra mim!

SHIKOBA:

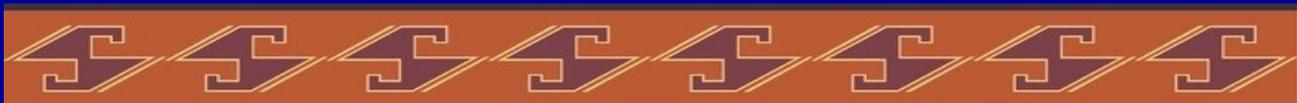
se você me reconhece, se você me valoriza, se sou importante pra você, então eu existo!

À todos vocês eu digo **SAWABONA!!!**

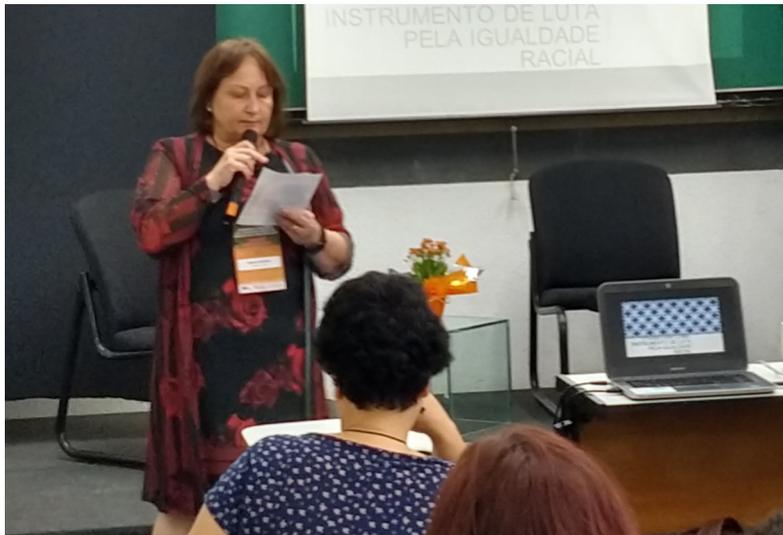
E em resposta podem dizer: **SHIKOBA!!!**

Dorô Dias – Contadora de Histórias e Bibliotecária.

Galeria de imagens do evento



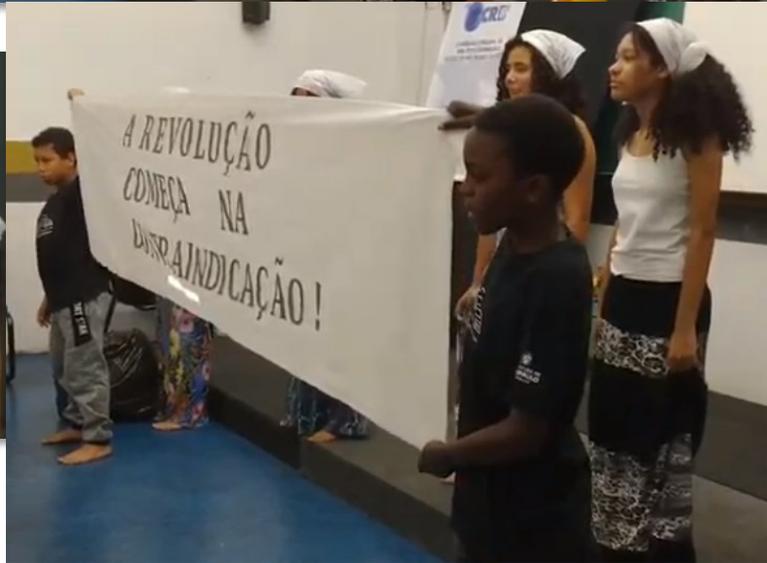
Recepção com Ronaldo Marlene, Dulce e Eliana



Regina Céli de Sousa, presidente do CRB-8 na abertura



Alunos da Academia Estudantil de Letras
Textos: Quarto de Despejo
Carolina de Jesus





Palestrantes:
Juliane Sousa,
Carine Souza e
Patrícia Anunciada

Participante Erick recebe o livro
Bibliotecári@s Negr@s
Sorteio realizado pela palestrante
Graziela Santos Lima



Palestrante Graziela Santos Lima Bibliotecári@s Negr@s



A Presidente Regina Céli de
Sousa, faz o encerramento
do Seminário



Plateia do Seminário



Comissão da Diversidade: Joao de Pontes Junior; Marlene de Castro; Dulce Mara e as Palestrantes: Patrícia Anunciada; Carine Souza e Juliane Sousa; Graziela dos Santos Lima e a Bibliotecária e Contadora de Histórias Dorô Dias.

Composição da 18ª Gestão e Créditos

Diretoria

Presidente

Regina Céli de Sousa – CRB-8/2385

Vice-Presidente

João de Pontes Junior – CRB-8/6829

Diretora Técnica

Valentina Aparecida David Manfredi – CRB-8/1820

Diretor Administrativo

Hugo Oliveira Pinto e Silva – CRB-8/9893

Diretor Financeiro

Roberto Júlio Gava – CRB-8/6620

Comissão de Tomada de Contas

Coordenação

Maria da Conceição Gomes Bernardo – CRB-8/3163

Integrantes

Maria Luiza Pereira de Souza Lima – CRB-8/81

Marlene Aparecida de Castro Oliveira – CRB-8/3447

Comissão de Ética

Coordenação

Maria Lucia Beffa – CRB-8/4144

Integrantes

Dulce Mara de Oliveira – CRB-8/7715

Rosaelena Scarpeline – CRB-8/2737

Comissão de Licitação

Coordenação

Dulce Mara de Oliveira – CRB-8/7715

Integrantes

Claudia Alcantara

Ronaldo Ferreira Gonçalves

Comissão de Divulgação

Coordenação

Hugo Oliveira Pinto e Silva – CRB-8/9893

Integrante

João de Pontes Junior – CRB-8/6829

Colaboradores

Dulce Mara de Oliveira – CRB-8/7715

Emília da Conceição Camargo – CRB-8/3714

Luciana Maria Napoleone – CRB-8/5808

Comissão de Fiscalização

Coordenação

Leila Rabello de Oliveira – CRB-8/4037

Integrantes

Luciana Maria Napoleone – CRB-8/5808

Maria Lucia Beffa – CRB-8/4144

Marlene Aparecida de Castro Oliveira – CRB-8/3447

Colaboradora

Dulce Mara de Oliveira – CRB-8/7715

Comissão Temporária de Biblioteca Escolar

Coordenação

Valentina Aparecida David Manfredi – CRB-8/1820

Integrantes

Luciane de Queiroz Modesto Mietto – CRB-8/8933

Dulce Mara de Oliveira – CRB-8/7715

Colaboradores

Ivete Pieruccini – ECA/USP

Maria das Mercês Pereira Apóstolo – FESPSP

Vera Leny Pastore – CRB-8/6886

Comissão Temporária de Patrimônio Bibliográfico e Documental

Coordenação

Luciana Maria Napoleone – CRB-8/5808

Integrantes

Hugo Oliveira Pinto e Silva – CRB-8/9893

Maria da Conceição Gomes Bernardo – CRB-8/3163

Maria Lucia Beffa – CRB-8/4144

Rosaelena Scarpeline – CRB-8/2737

Comissão Temporária de Políticas Públicas

Coordenação

Luciana Maria Napoleone – CRB-8/5808

Integrantes

Emília da Conceição Camargo – CRB-8/3714

Hugo Oliveira Pinto e Silva – CRB-8/9893

Maria Lucia Beffa – CRB-8/4144

Comissão Temporária da Diversidade

Coordenação

João de Pontes Junior – CRB-8/6829

Integrantes

Marlene Aparecida de Castro Oliveira – CRB-8/3447

Dulce Mara de Oliveira – CRB-8/7715

Editoração e design

João de Pontes Junior – CRB-8/6829

Imagens

Cedidas pelos membros da Comissão da Diversidade

Colaboradores

Gerência:

Cláudia Alcantara

Administrativo:

Ellen de Campos; Ronaldo Ferreira Gonçalves

Secretaria:

Cristiane Luri Muraki Caetano.

Financeiro:

Tereza Tiemi Tanaka; Thiago Corrêa de Brito

Fiscalização:

Ilsom José Lourenço; Ruth Maria Machado Pires



CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA DO ESTADO DE SÃO PAULO - 8ª REGIÃO



CRB^a SP
Sistema CFB / CRB
Conselho Federal de Biblioteconomia
Conselhos Regionais de Biblioteconomia

**INOVANDO,
CONECTANDO O
BIBLIOTECÁRIO DO FUTURO**

Rua Maracaju, 48 - Vila Mariana
Telefone: (11) 5082-1404
E-mail: crb8@crb8.org.br

